

Diários de Lisboa

O texto que vos deixo aqui e agora, foi elaborado no contexto da apresentação no dia 3 de Setembro de 2026, no Espaço Caleidoscópio, de mais um dos projectos do **MEF**, no caso, os ***Diários de Lisboa***.

O que levava escrito para ler nesse dia, acabou por não coincidir com as memórias que fiz emergir a partir destes mesmos ***Diários de Lisboa***, em que uma delas foi o ter sido leitor assíduo do **Diário de Lisboa**, no qual trabalhou uma referência da nossa fotografia, o saudoso Carlos Gil (1937/2001), nascido em Mortágua, lisboeta por adopção e um cidadão do mundo, fotógrafo muito empenhado numa *fotografia de causas*.

Ficaria de mal comigo mesmo se não o recordasse nestes ***Diários de Lisboa***...

Sendo assim e voltando ao assunto que convosco quero partilhar, todos sabemos que há muitas maneiras de fotografar, seja em Lisboa, ou noutro qualquer lugar.

Pode fotografar-se pelos monumentos, pelas ruas e bairros, pelas transformações existentes, umas boas, outras assim-assim e outras sem comentários.

Também podemos fotografar o que se vê todos os dias, ou o que se descobre pela primeira vez.

Quem pratica **FOTOGRAFIA**, sabe que não há receitas para nenhuma situação, pois **FOTOGRAFAR** é algo muito mais subjectivo...

No caso e neste projecto, há uma Lisboa que raramente nos surge através de fotografias, ou seja, ***a Lisboa que cada um dos participantes guardou nas suas memórias...***

É essa, a Lisboa que aqui vamos encontrar, nestes ***“Diários de Lisboa”***.

Em mais este projecto, com a assinatura do **MEF – Movimento de Expressão Fotográfica**, no qual os habitantes seniores de três das freguesias desta nossa cidade, **Marvila, Carnide e Misericórdia**, foram desafiados a construir os seus próprios diários visuais, pode constatar-se que não se tratou simplesmente de ***aprender a fotografar, mas sim de fotografar com o coração e naturalmente com as memórias...***

...tratou-se, acima de tudo, de olhar, de recordar, de escolher e depois contar, dando a ver...

Cada fotografia pode ser, por isso mesmo, muito mais do que a simples imagem de um lugar, pois pode ser e é, uma lembrança, uma pessoa, uma ausência, uma transformação, uma rotina, um objecto aparentemente insignificante ou um pedaço de cidade, os quais para quem os fotografa, tem uma importância enorme, deixando de ser apenas a coisa *objectiva* para ser uma coisa com muitos ***subjectivos, muito subjectivos...***

É aqui que este projecto ganha uma dimensão particular, pois a fórmula mágica utilizada pelo **MEF** é de uma enorme simplicidade e de uma eficácia ainda maior, pois a coisa fotográfica, enquanto disciplina, não é apenas uma prática técnica, documental ou artística, mas sim, uma **...ferramenta de escuta, de diálogo, de participação e de partilha....**

A **FOTOGRAFIA** torna-se numa forma muito concreta de dar voz a quem nem sempre tem oportunidade de ser ouvido.

Uma maneira através da qual se aproximam pessoas, se combatem isolamentos e trabalhar a identidade e, uma vez mais e repito, a **memória...**

E...sobretudo, de permitir a cada um dos participantes, que possam aqui dizer,

“...esta é a minha maneira de ver o mundo e esta é a minha maneira de sentir o que vejo...”.

Perdo-se-me a imodéstia de convocar alguém que trabalho sobre a cidade Nova York e a sua população e deixar-vos este meu devaneio,

*...Ai Weegge, que tinhas tanta razão quando te apresentaste a Alfred Stieglitz, um dos proeminentes elementos do colectivo Photo-Secession...quando andavas às voltas e reviravoltas com a tua **Naked City**...*

“...Você é o Stieglitz, olhe eu sou o Weegee!

Aqui está a minha fórmula...

Tratando como trato com as pessoas, acho-as maravilhosas...

Eu deixo-as sós e deixo-as serem elas próprias...”

Esta fórmula mágica, parece ser o padrão nos diferentes projectos em que o MEF se envolveu e envolve, mas de um outro modo...

Relembremos dois ou três casos, nomeadamente o trabalho com as pessoas cegas ou de baixa visão, apresentado na FCG em 2018 - **Ver com outros olhos** - ou os - **Lugares que eu Habito** – construído por jovens vulneráveis e institucionalizados, ou, este outro, entre tantos outros e no caso, dirigido às comunidades locais e às populações de **jovens como eu**, que sou sénior desde ontem...pois a filosofia do **MEF**, tal como eu a sinto e pressinto, é mesmo esta,

“...olhar e sentir as pessoas, deixá-las ser elas próprias, pô-las a fotografar e a ser, a partir daquilo que são e sentem, ou seja, contribuir para colocar a fotografia e a sua execução, ao nível dos afectos e do coração...”.

Nestes **Diários de Lisboa**, a relação entre a fotografia e a memória assume uma força particular, porque envelhecer numa cidade ou noutra qualquer lugar, é mesmo isto,

...ter a cidade, ou esse lugar, dentro das nossas memórias....

A cidade poder-se-á ter alterado, podem ter havido ruas que desapareceram, ou que se transformaram, assim como pessoas, vizinhos e amigos que poderão já não estar presentes... Haverá lugares que continuaram no mesmo sítio fisicamente, mas que, tal como a luz, que nos permite obter fotografias, mudam à velocidade da luz..., pois é da natureza da luz, ser mesmo assim, mudar tão rapidamente à sua velocidade, misturada com a velocidade rotação da Terra, que por vezes, ou quase sempre, não temos essa noção...

Marvila, Carnide, Misericórdia, serão territórios diferentes e têm histórias diferentes, mas reunidos aqui e assim, através destes ***Diários de Lisboa***, mostram-nos que há algo que os aproxima na sua diversidade,

...a cidade vivida por quem a habita...

Por isso, talvez esta exposição não seja apenas uma exposição sobre Lisboa.

...É uma exposição sobre as muitas Lisboas que existem dentro de Lisboa...

É uma exposição sobre a importância de deixar que sejamos nós, que sejam vós, os habitantes de Lisboa, a contar estas histórias, a contar a vossa história, a contar as nossas histórias.

No fundo, estes fotógrafos, fizeram aquilo que todos os fotógrafos fazem, de uma maneira ou de outra, ou seja, uns pararam, outros não, olharam e depois tomaram a decisão de escolher o que queriam guardar, para nos pudermos dizer algo assim,

“...isto é mesmo importante para mim...”

E essa é com certeza e com muitas certezas, a maior riqueza destes ***Diários de Lisboa***, pois quando se nos dá a possibilidade de fotografar e de contar as nossas suas próprias histórias, não estamos apenas a produzir imagens,

...estamos mesmo a construir memória...

...estamos mesmo a construir memórias...

No caso, e para terminar, construiu-se mais uma memória colectiva desta nossa Lisboa, em que estes não são apenas ***diários sobre Lisboa...***

São os diários de pessoas que fazem parte da história da nossa **Lisboa**, a mesma **Lisboa**, que foi do Victor Palla e do Costa Martins, da minha Lúcia Vasconcellos, dos amigos Pepe Diniz e Markus Sarkis Gulbenkian, entre tantos, mas tantos outros que a amamos sem saber porquê, ou sabendo, não o sabemos dizer com palavras, mas conseguimos dizê-lo através destes brilhinhos no olhar, motivo mais que suficiente para vos dizer e vos convidar,

***...por favor, ide olhar os vários brilhos que brilham nestas fotografias, aqui e agora
apresentadas...através destes Diários de Lisboa...***

Caleidoscópio – 3 de setembro de 2026 – 18h30

José Soudo — Investigador independente em História da Fotografia - Curador – Fotógrafo;
Docente de Fotografia, nas suas múltiplas valências técnico-científicas, bem como da sua História e Cultura,
desde há várias décadas, no *Ar.Co*, no *IPT*, no *Cenjor*, na *Etic*, na *Escola Informal de Fotografia* e em outras instituições;
Co-fundador em 1982, da Aassociação Cutral exclusivamente dedicada à divulgação de Fotografia, *Ether-Vale tudo menos tirar olhos*;
Acima de tudo e sempre, um contador de histórias!